

18

NÚMERO 1



REVISTA
**DIALOGO E
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



FACCREI

**EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA ORIENTADA PELA OLIMPÍADA DE LÍNGUA
PORTUGUESA: ANÁLISE DAS CRÔNICAS DO CADERNO DO DOCENTE “A
OCASIÃO FAZ O ESCRITOR”**

**EDUCACIÓN LINGÜÍSTICA GUIADA POR LA OLIMPIADA DE LA LENGUA
PORTUGUESA: ANÁLISIS DE LAS CRÓNICAS EN EL CUADERNO DEL
PROFESOR “A OCASIÃO FAZ O ESCRITOR”**

Marcélia Nicácio da Silva*

Alan Ricardo Costa**

Resumo: São viáveis, na educação linguística contemporânea, as possibilidades de orientar o trabalho docente de ensino de língua portuguesa na Educação Básica pela Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) e, mais pontualmente, pelo programa *Escrevendo o Futuro*. Nesse viés, é realizada a presente pesquisa, cujo objetivo geral é analisar o Caderno do Docente “A ocasião faz o escritor” (2021) no que diz respeito: (1) à composição, (2) às perspectivas teóricas subjacentes a ele, (3) às temáticas das crônicas. A análise, de abordagem qualitativa, conta com o suporte teórico de trabalhos recentes na seara da Linguística Textual e dos estudos de gêneros e de Sequências Didáticas (SDs). São mobilizados como arcabouço teórico, portanto, estudos prévios de Marcuschi (2002; 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Bender e Laurito (1993), Luna (2020), entre outros. Conclui-se que o Caderno “A ocasião faz o escritor” é um recurso potente para orientar a educação linguística por parte de professores e alunos, sendo uma ferramenta facilitadora no ensino e na aprendizagem de língua portuguesa.

Palavras-chave: Olimpíada de Língua Portuguesa. Educação linguística. Crônica.

Resumen: Las posibilidades de orientar la labor docente de la enseñanza de la lengua portuguesa en la Educación Básica a través de la Olimpiada de la Lengua Portuguesa (OLP) y, más específicamente, a través del programa *Escribiendo el Futuro* son viables en la educación lingüística contemporánea. En este tenor se realiza la presente investigación, cuyo objetivo general es analizar el Cuaderno del Profesor “A ocasião faz o escritor” (2021) en lo que respecta a: (1) la composición, (2) las perspectivas teóricas que subyacen a él, (3) los temas de las crônicas. El análisis, con

*Acadêmica do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Professora de língua portuguesa da Secretaria da Educação e desportos (SEED), Boa Vista-RR. E-mail: marcelia.nicacio@gmail.com.

** Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Doutor em Letras. E-mail: alan.dan.ricardo@gmail.com.

enfoque qualitativo, cuenta con el sustento teórico de trabajos recientes en el campo de la Lingüística Textual y estudios de géneros y Secuencias Didácticas (DS). Por ello, se movilizan como marco teórico estudios previos de Marcuschi (2002; 2008), Dolz y Schneuwly (2004), Bender y Laurito (1993), Luna (2020), entre otros. Se concluye que el Cuaderno “*A ocasião faz o escritor*” es un poderoso recurso para orientar la educación lingüística de profesores y estudiantes, siendo una herramienta facilitadora en la enseñanza y el aprendizaje de la lengua portuguesa.

Palabras clave: Olimpíada de la Lengua Portuguesa (OLP). Educación lingüística. Crónica.

1. INTRODUÇÃO

Em que pese uma forte tendência ao ensino escolar orientado pela preparação dos estudantes para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ou para provas de Vestibular em geral (Silveira, 2012; Silva; Costa, 2022), outras possibilidades são igualmente viáveis e estão alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como às diretrizes da Educação Básica. No caso da educação linguística contemporânea (Bagno; Rangel, 2005), é possível mencionar a Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), que, para Dolz (2010), objetiva democratizar usos da língua e contribuir tanto com aprendizes quanto com professores no que concerne ao aprimoramento das habilidades da leitura e da escrita.

Conforme Assis e Sales (2014, p. 1), tais objetivos foram delineados, segundo Dolz (2010), “em função da necessidade que os organizadores da Olimpíada sentiram de elaborar um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil”. Para atingir seus objetivos, os organizadores da OLP prepararam um conjunto de Sequências Didáticas (doravante SD) e as distribuíram em oficinas, lançando-as como propostas de trabalho ao professor, que vai conduzir seus alunos ao conhecimento do gênero textual escolhido, neste caso, a crônica, e, finalmente, à produção textual (Assis; Sales, 2014).

Toda essa orientação didático-pedagógica para o ensino de línguas dá-se por meio do programa *Escrevendo o Futuro*¹, idealizado em 2002 pelo Itaú Social e pelo

¹ Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/>.

Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Cultura (Cenpec), visando aprimorar a qualidade do ensino tanto da leitura quanto da escrita dos alunos das escolas públicas de todo o país. Em 2008, o programa foi oficializado como política pública tendo o Ministério da Educação (MEC) como seu aliado nessa missão, e, assim, concretizou-se o lançamento da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Desde então, o programa tem crescido e ampliado seu repertório de ações e produtos educacionais, tais quais cursos online, planos de ensino e cadernos docentes, além de outras iniciativas, como a seção “Sala de professoras” (espaço virtual para o diálogo com docentes) e a revista *Na Ponta do Lápis*, que chegou à 40ª edição em 2023.

Haja vista todo o exposto, e sopesando o crescente interesse na agenda de pesquisa brasileira quanto às SD no ensino de língua portuguesa (e.g. Marcuschi, 2008; Santos, 2023), a questão de pesquisa que norteia o presente trabalho é: “de que forma o material do programa *Escrevendo o Futuro* pode contribuir na orientação do trabalho do professor de português no que concerne à SD e às abordagens do gênero crônica na Educação Básica?”. Para tentar dar conta dessa problemática de pesquisa, este estudo tem como escopo a coletânea *A ocasião faz o escritor - Caderno do Docente* (Rodrigues *et al.*, 2021)². Mais pontualmente, o objeto de estudo é o gênero crônica e a forma como este é abordado no referido material.

O objetivo do artigo é, pois, apresentar uma análise do Caderno do Docente “A ocasião faz o escritor” no que diz respeito: (1) à composição, (2) às perspectivas teóricas subjacentes a ele, e por fim, (3) às temáticas das crônicas.

O artigo conta com o suporte teórico de trabalhos recentes na seara da Linguística Textual e dos estudos de gêneros e da SD nos estudos linguísticos. São mobilizados como arcabouço teórico, portanto, estudos prévios de Marcuschi (2002; 2008), Bender e Laurito (1993), Dolz e Schneuwly (2004), Luna (2020) e Kleiman

² O programa *Escrevendo o Futuro*, com objetivo de orientar o professor na prática de ensino da língua portuguesa em sala de aula por meio de SD, publica o supracitado caderno em formato impresso e virtual, e recorrentemente aborda temáticas e conteúdos referentes a poemas, memórias literárias, crônicas, artigos de opinião e documentários.

(2007), entre outros. Quanto à dimensão metodológica, a pesquisa consiste em um estudo analítico qualitativo.

2. A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E A OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo Bagno e Rangel (2005), a educação linguística pode ser entendida como:

[...] o conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos (Bagno; Rangel, 2005, p. 63).

Nessa educação linguística ensejada por docentes e pesquisadores, ocupa espaço central o ensino da leitura e da escrita com foco nas práticas sociais de linguagem, nas experiências e nas competências essenciais do currículo de Língua Portuguesa. Nesse sentido, a educação escolar tem como uma de suas tarefas nobres guiar a construção de saberes do aluno quanto “a bem se desempenhar na escrita, capacitando-o a desenvolver textos em que os aspectos formal e comunicativo estejam bem conjugados” (Marcuschi, 2008, p. 53)³. Nas palavras de Kleiman (2007),

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde se predomina uma concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (Kleiman, 2007, p. 2).

Por conseguinte, ocorre na acadêmica um crescente interesse de pesquisadores da área quanto ao uso da OLP e dos materiais produzidos e divulgados via programa *Escrevendo o Futuro* (e.g. Assis; Sales, 2014; Luna, 2020). Um interesse

³ A ênfase na escrita na educação formal, evidentemente, não isenta a escola de considerar os processos de comunicação oral, as questões subjacentes aos textos orais, a variação linguística etc. (Marcuschi, 2008).

maior recai especificamente quanto ao gênero crônica, pelas potencialidades que este contempla de trabalho pedagógico em consonância com uma acepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, fazendo uso da linguagem como ferramenta social nos diferentes contextos em que tais textos são produzidos.

Dentre as muitas alternativas de objeto de estudo quanto à OLP, destaca-se o caderno *A ocasião faz o escritor*, sobretudo em razão da pluralidade de crônicas apresentadas e exploradas. Com base em Luna (2020, p. 501), o referido material “colabora com o ensino de língua portuguesa, na medida em que representa a pluralidade do gênero do ponto de vista linguístico (variedade ou registro), textual (organização estilístico-composicional) e discursivo (abordagem temática, tom emotivo-volitivo e intuito discursivo)”.

Também cabe ressaltar que o caderno contribui para um fazer pedagógico articulado com o desenvolvimento histórico-social do ser humano, na medida em que convida e instrumentaliza docentes e aprendizes para um trabalho orientado por SD, pois segundo Rodrigues *et al.* (2021, p.13), ela “é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* para se ensinar a escrever”. Em outras palavras, o material utilizado na OLP busca enriquecer a didática do docente e, ao mesmo tempo, orientar na produção de texto, com base na metodologia da SD, a qual fundamenta-se nas ideias da Escola Didática de Genebra, cujos principais representantes no Brasil são o genebrino Schneuwly e o espanhol Dolz.

Em síntese, com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82-83), uma SD é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”, que também ajudam “para dar acesso aos alunos as práticas de linguagem nova ou dificilmente domináveis”. Ela também auxilia como facilitadora no percurso da progressão na aprendizagem da escrita (Rodrigues *et al.* 2014, p. 13). A contribuição da SD no ensino de línguas tem sido ressaltada em variadas publicações ao longo das últimas duas décadas (por exemplo, Marcuschi, 2008; Silveira, 2012; Assis; Sales, 2014; Santos, 2023; entre outros).

3. SOBRE O GÊNERO CRÔNICA

Tanto a palavra crônica quanto o termo grego “*khrónos*” remetem em sua etimologia ao sentido de “*tempo*”. No latim, “*chronica*” designa o gênero responsável pelo “registro dos acontecimentos históricos, verídicos, numa sequência cronológica, sem um aprofundamento ou interpretação dos fatos. Como se comprova pela origem do nome, a crônica é um gênero textual que existe desde a Idade Antiga e vem se transformando”, conforme afirma Amaral (2008, p.13), acompanhando mudanças sociais e linguísticas. Era comum nas narrativas dos primeiros cronistas o registro principalmente de fatos históricos que tinham como seus protagonistas figuras de autoridade e relevância para sociedade, tais como reis e generais; isto mudou na sociedade moderna, em que a crônica passa a contemplar qualquer relato cotidiano.

Conforme Luna (2020):

A leveza da crônica dissimula o intenso grau de sensibilidade e reflexão que ela pode gerar acerca do cotidiano. De um fato particular, comum ou inesperado, real ou fictício, o cronista extrai a matéria com que constrói sua obra e conduz o leitor a um novo olhar sobre seu entorno, mais amplo e universal (Luna, 2020, p. 497).

Na atualidade, portanto, as crônicas surgem entre as esferas da língua(gem), sobretudo a jornalística e a literária, incorporando e entrelaçando seus elementos, refletindo e refratando seu contexto de produção e recepção e suas finalidades discursivas, além de carregarem a memória do discurso historiográfico que as originou (Sá, 1997). “Desse embate, resultam crônicas ora mais intimistas e literárias, ora mais objetivas e jornalísticas” (Luna, 2020, p. 497).

A crônica, por situar-se nessa zona de interface, caracteriza-se por sua natureza híbrida, flexível e mutável. Logo, resta aos linguistas o desafio de dar conta de um gênero textual tão complexo e maleável, recorrendo a diferentes aportes teóricos e/ou critérios de análise.

Luna (2020), por exemplo, ao indagar sobre os meios/modos para definir um gênero que se apresenta sob formas tão variadas, recorre à Bakhtin (1992), para quem o “querer discursivo”, o “propósito comunicativo”, define a natureza do gênero e, por conseguinte, suas características discursivas: o conteúdo temático, a estrutura

composicional e o estilo verbal. Assim, podemos entender a crônica como uma interpretação pessoal e até subjetiva do cronista diante de um acontecimento, seja ele oriundo de fatos do noticiário ou do cotidiano, proporcionando ao leitor uma variação multifacetada do que está narrando, com os traços/*flashes* da vida mostrados de outros ângulos.

Quanto aos tipos de crônica, a agenda de pesquisa dos estudos linguísticos tem averiguado sua ampla diversidade (Bender; Laurito, 1993; Luna, 2020). Dentre os principais tipos, destacam-se: o *lírico*, em que o autor em um tom nostálgico e sentimental narra um instante comum e simples da vida; o *humorístico*, em que o autor consegue extrair graça e humor de situações simplórias do cotidiano; o *argumentativo*, em que o cronista convida o leitor a refletir e até mesmo a questionar as desigualdades e os problemas presentes nas relações sociais e de poder; o *jornalístico*, em que o cronista destaca aspectos particulares e subjetivos de notícias, eventos, fatos, dentre outros.

Referente à estrutura, a crônica consiste quase sempre em um texto mais leve, usualmente redigido com vistas a dialogar com o leitor, como uma conversa entre velhos amigos (Rodrigues *et al.* 2021, p. 29). Normalmente apresenta um estilo figurado, com jogos de palavras, emprego de metáforas, ironias, trocadilhos, ambiguidades etc.

A amplitude do gênero é tamanha que, não raro, a literatura da área aborda também a perspectiva de cronistas, que assumem certo argumento de autoridade quanto às formas de escrita e caracterização da crônica. A modo de ilustração, Carlos Drummond de Andrade (1999) assim definia a crônica:

Trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia a dia, seja nos temas, ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. [...]. Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. Se o jornalista deve ser metódico e claro, o cronista costuma escrever pelo método da conversa fiada, do assunto-puxa-assunto, estabelecendo uma atmosfera de intimidade com o leitor (Andrade, 1999, p. 13).

O escritor faz uma reflexão sobre a crônica que, conforme é possível notar, coaduna com a perspectiva do entrecruzamento e do contraste que ao mesmo tempo perpassa pelo campo literário como também pelo jornalístico para discorrer do cotidiano.

Conforme Bender e Laurito (1993, p. 44), o escritor e jornalista Fernando Sabino também não se furtou a refletir sobre a crônica: para o autor, seria crônica tudo aquilo que se quer chamar de crônica. Nessa concepção, as autoras afirmam que, ao escrever, o cronista nada mais faz do que “levar um papo-cabeça”, sem censura, livre (Bender; Laurito, 1993). Com efeito, a liberdade (seja na dimensão temática, seja na dimensão de sua composição estilística) é uma das maiores características da crônica: não há reservas para ela, que pode contemplar a vida como ela é ou não é, das aventuras e desventuras diárias às notícias de hoje, de ontem ou de antigamente. As possibilidades são muitas, sobretudo quando é pautado o fato de que a crônica não se limita às amarras formais típicas da esfera jornalística.

Sobre tal questão, Amaral (2008, p.12) ressalta: as características atuais do gênero crônica não estão ligadas somente ao desenvolvimento da imprensa. Também estão intimamente relacionadas às transformações sociais e à valorização da história social. O cronista escreve como se estabelecesse uma conversa com seus leitores, que de certo modo os provocam para reflexões sobre as diferentes áreas da vida, tais como a social, a cultural, a política, perpassando também pelo âmbito sentimental e econômico, dentre outros, ora com um tom humorístico, ora com o tom poético e emotivo que denota o pertencimento do gênero à literatura.

A variedade das crônicas quanto (1) ao tom emotivo-volitivo (lírico, ensaístico, humorístico), (2) ao contexto de produção (antigas e contemporâneas, por parte de escritores consagrados ou não), (3) às organizações estilístico-composicionais e (4) ao tema (Luna, 2020), aspectos estes que confirmam seu estilo híbrido e heterogêneo, não deve ser visto de forma negativa. Isto é: a complexidade da crônica não pode ser concebida como justificativa para afastá-la da realidade escolar e da educação linguística, por argumentos insustentáveis, tal qual a dificuldade de abordá-la com estudantes pouco experientes ou afeitos às práticas da leitura e da escrita. Em lugar de uma didatização reducionista de gêneros no ensino de línguas, na medida em que

os limita a estruturas fechadas mais facilmente aprendíveis e memorizáveis, urge que a escola abarque e explore a complexidade dos fenômenos linguísticos. Em melhores palavras, o trabalho com as crônicas em sala de aula pode constituir um eixo favorável à formação de leitores e escritores, justamente porque tais textos fogem às amarras simplificadoras do texto e de sua potencialidade.

4. METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A ANÁLISE

Com o intuito de compreender as formas como o material do programa *Escrevendo o Futuro* pode contribuir na orientação do trabalho docente no que concerne ao gênero crônica, a análise focou no Caderno do Docente “A ocasião faz o escritor”, publicado no ano de 2021 (sétima edição).

Considerando que a crônica é, na maioria das vezes, vista no espaço escolar de forma simplória e fragmentada, e que ainda são necessários mais recursos pedagógicos direcionados para o ensino e a aprendizagem da produção escrita do gênero em questão, mostrou-se pertinente analisar como o material encaminha o projeto de ensino; e, se dessa forma, favorece a formação do aluno-autor-escritor.

Diante do exposto, no que concerne à dimensão metodológica, a pesquisa consiste em um estudo analítico qualitativo. Os critérios de análise, para dar conta do objetivo de pesquisa, são: a composição, as perspectivas teóricas subjacentes a ele, e, por fim, as temáticas das crônicas.

5. A ANÁLISE DO CADERNO “A OCASIÃO FAZ O ESCRITOR”

Nesta seção do artigo é apresentada a análise dos resultados da pesquisa, com base no arcabouço teórico de alguns autores que contribuíram em mostrar ângulos para a organização e fundamentação do trabalho. Com o respaldo dessa base teórica, o Caderno do Docente da OLP é discutido a seguir quanto (1) à composição, (2) às perspectivas teóricas subjacentes a ele e (3) às temáticas das crônicas.

5.1. A composição do caderno

O Caderno “A ocasião faz o escritor” traz uma apresentação sobre a OLP, bem como orientações referentes às 11 oficinas, que compreendem 35 atividades. Estas são sistematizadas na forma de uma SD, cujo principal objeto de estudo é o texto. Quanto a isso, Brasil (2018, p. 23 *apud* Rojo, 2006, p.26) registra que:

Os textos se organizam sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a esse ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (Brasil, 2018, p. 23 *apud* Rojo, 2006, p. 26).

Rodrigues *et al.* (2021) asseguram que o Caderno foi pensado/elaborado para atender necessidades do professor no que se refere ao recurso didático orientativo e norteador, visto que o material estabelece um diálogo com o docente. Portanto, o material conta com uma série de oficinas, além de atividades escolares centradas no texto, passíveis de serem adaptadas para que se atinja o objetivo proposto de cada uma delas. Assim, os alunos são orientados e instigados, pelo professor, a aperfeiçoarem seu conhecimento em relação ao texto escrito e, ao mesmo tempo, desenvolverem suas habilidades para serem autores de crônicas.

A partir da análise realizada, é possível elencar as seguintes observações quanto à composição do Caderno do Docente:

- Na oficina 1, enfatiza-se o contexto em que a crônica foi produzida, sua circulação, aponta os seus possíveis interlocutores, bem como deixa claro quais são os objetivos do gênero, o qual “fornece suporte para atividade de linguagem e funciona como referência para os aprendizes” (Rojo, 2006, p.26), ou seja, os alunos. Consta ainda a biografia do escritor Tiago Germano, o que situa o aluno no contexto de produção da crônica, visto que essa contextualização é imprescindível para produção de sentidos (Bender; Laurito, 1993). A crônica “O papa vai ao banheiro?”, do autor, faz parte da terceira atividade a ser desenvolvida com os alunos. Isso situa o discente no contexto de produção.

A descoberta de uma crônica

A melhor forma de aprender a fazer alguma coisa é observar um mestre no assunto em ação. Por isso, nesta e em outras oficinas, os estudantes vão ler crônicas de grandes escritores brasileiros. Elas estão neste Caderno e também em sites na web, como:

Portal da Crônica Brasileira <<https://cronicabrasileira.org.br/>>

Nesta primeira oficina o mestre será Tiago Germano. Sugerimos um roteiro para trabalhar a crônica de Germano, que você poderá seguir nas outras oficinas, a cada novo cronista apresentado.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.38)

- Nas oficinas 2 a 8 são abordados detalhes da composição do gênero, tais como: os recursos discursivos, linguísticos e estilísticos, a temática, o sentido figurado apontado pelo uso das figuras de linguagem, e os diferentes tons que a crônica possui. As atividades propostas encaminham para “uma visão comunicativa”, que segundo Rojo (2006, p.25) se trata de:

ensinar usos da linguagem, ao invés de análise da língua. Estes usos são, desde o início, qualificados como usos das duas linguagens, a oral e a escrita, na compreensão e produção de textos socialmente situados e com finalidade comunicativa [...] (Rojo, 2006, p. 25).

- Na oficina 7, o aluno já começa o planejamento do projeto da escrita individual, sendo orientado e instigado pelo professor. Conforme Rodrigues *et al.* (2021, p.59), essa produção inicial indica que:

Os alunos e as alunas já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o(a) professor(a) possa intervir adequadamente no processo de aprendizagem. Esse primeiro texto também é importante para que os alunos e as alunas avaliem a sua própria escrita. Com sua ajuda, eles e elas serão capazes de perceber o que é preciso melhorar [...] (Rodrigues *et al.* 2021, p.59).

Ao passo que já estão na oficina 7, pela análise das atividades presentes no Caderno do Docente, é possível que o aluno já tenha adquirido um repertório linguístico do gênero, visto que nelas constantemente o professor é orientado a provocar reflexão no aluno sobre a compreensão e interpretação do texto lido, propiciando discussões e debates em grupos.

• Na oficina 8 é discutido sobre como “apurar o olhar” para o tema e utiliza-se do recurso visual de fotografias para escrita individual. Esta primeira escrita pode-se dizer que é fundamental tanto para o professor quanto para o aluno, pois este poderá fazer uma autoavaliação ao reler e analisar o que escreveu e identificar o que já consegue dominar do gênero e da escrita e o que precisa ser aprimorado. Essa reflexão crítica contribui para o desenvolvimento da autonomia e da metacognição em relação à própria escrita; e o docente terá subsídios através dos textos produzidos para diagnosticar as dificuldades, o que os alunos já conseguiram assimilar sobre o tema e o gênero em questão. Com essas informações, a educação linguística pode ser efetivada com intervenções mais pontuais e até mesmo individuais; assim, o docente pode ajustar suas estratégias de ensino. Percebe-se, ainda, que na atividade de planejamento da crônica o professor retoma os aspectos já estudados em outras oficinas, como na 2 e na 3, a partir das crônicas apresentadas para leitura e discussão em sala de aula e fora dela.

Planejamento e escrita da crônica inspirada na foto

atividades

- ▷ Instigue os alunos a pensar em como trazer a vida retratada na foto para a crônica.
- ▷ Peça a cada aluno que faça um esboço da crônica que irá escrever com base na foto tirada por ele.
 - ▶ **Foco narrativo** (autor-observador ou autor-personagem).
 - ▶ **Personagens**.
 - ▶ **Tom da narrativa** (humorístico, irônico, lírico, crítico).
 - ▶ **Enredo** (o elemento surpresa, que pode ser tanto uma personagem quanto a descoberta de uma situação inusitada).
 - ▶ **Espaço** (em que parte da cidade, em que cenário, ocorreu a situação).
 - ▶ **Tempo** (lembre que a crônica se passa em um curto espaço de tempo – minutos, horas).
 - ▶ **Desfecho**: pode ser aberto, conclusivo, surpreendente. No desfecho aberto o leitor é instigado a pensar, criar sua solução, dar continuidade à narrativa, os leitores viram coautores da história.
- ▷ Depois de planejada a crônica, estipule um prazo para que os alunos desenvolvam o esquema que criaram e escrevam um texto que chame a atenção, envolva o leitor.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.115)

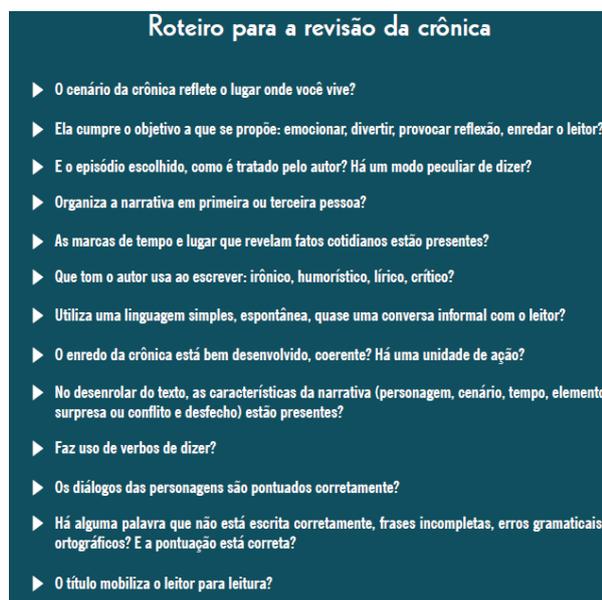
• Nas oficinas 3, 9, 10 e 11 o enfoque recai sobre a (re)escrita da crônica, seguindo um passo-a-passo mediado pelo professor, que incentiva os discentes a serem autores-cronistas. Tais oficinas propiciam também discussões que retomam o

tema gerador da OLP, “o lugar onde vivo”, os efeitos de sentido no texto, os elementos constitutivos da crônica, de forma que seja passível de compreender como eles se interligam na escrita do gênero.

- ▷ Em seguida, peça a cada um deles que escreva uma crônica.
- ▷ Finalizada a escrita, peça aos(as) alunos(as) que releiam o que escreveram – agora como cronistas. Caso haja tempo, proponha que troquem os textos entre si, fazendo comentários e sugestões. Depois da leitura do(a) colega, o(a) aluno(a) poderá rever o texto para escrever outra versão.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.57)

Nota-se o cuidado com o processo de revisão e refação do texto. Em todas as propostas se sugere que os alunos troquem os textos entre si e façam comentários ou indiquem critérios de avaliação mais precisos para reelaboração do texto, com exceção da proposta da (re)escrita final e individual em que não há essa troca (fica apenas restrito ao olhar e correção do professor). Segundo Dolz *et al.* (2004, p.90), essa produção final dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática o que aprendeu ao longo das oficinas da SD. É indicado um roteiro de revisão que pode ser fornecido aos alunos a fim de que eles ganhem autonomia autoral na escrita, bem como deixa livre ao professor fazer as adequações que considerar necessárias, de acordo com a realidade das suas turmas.



Roteiro para a revisão da crônica

- ▶ O cenário da crônica reflete o lugar onde você vive?
- ▶ Ela cumpre o objetivo a que se propõe: emocionar, divertir, provocar reflexão, enredar o leitor?
- ▶ E o episódio escolhido, como é tratado pelo autor? Há um modo peculiar de dizer?
- ▶ Organiza a narrativa em primeira ou terceira pessoa?
- ▶ As marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos estão presentes?
- ▶ Que tom o autor usa ao escrever: irônico, humorístico, lírico, crítico?
- ▶ Utiliza uma linguagem simples, espontânea, quase uma conversa informal com o leitor?
- ▶ O enredo da crônica está bem desenvolvido, coerente? Há uma unidade de ação?
- ▶ No desenrolar do texto, as características da narrativa (personagem, cenário, tempo, elemento surpresa ou conflito e desfecho) estão presentes?
- ▶ Faz uso de verbos de dizer?
- ▶ Os diálogos das personagens são pontuados corretamente?
- ▶ Há alguma palavra que não está escrita corretamente, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos? E a pontuação está correta?
- ▶ O título mobiliza o leitor para leitura?

Com base no trabalho do grupo de Genebra para o ensino e a aprendizagem dos gêneros, a organização do Caderno se dá via SD, que, para Dolz e Schneuwly (2004, p. 83), “tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Em suma, essas SD são ferramentas que podem orientar os educadores, suscitando formas de intervenção social, ações sobre os discentes e a equipe escolar, que são imprescindíveis para a educação linguística em geral.

Espera-se que, por meio da SD, o discente, subsidiado pelo professor, consiga enxergar/perceber a escrita como um instrumento potente para a formação do cidadão e fomentador de novos conhecimentos, e as oficinas do Caderno colaboram para esse fazer pedagógico.

5.2. Perspectiva teórica subjacente ao material

Ao analisar e utilizar o material, percebeu-se que ele se apoia na teoria do estudo dos gêneros. Conforme defende Marcuschi (2008, p. 154), é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero e por algum texto, ou seja, quando se fala ou se escreve, são feitas escolhas entre diferentes gêneros no enunciado comunicativo.

No início do Caderno, as autoras Rodrigues *et al.* (2021), ao se reportarem ao professor, apontam que o material é para o ensino da escrita de um “gênero textual”. Contudo, na oficina 1 adotam a nomenclatura “gênero discursivo”, conforme as ocorrências ilustrativas a seguir; no decorrer das outras oficinas, é possível perceber que elas fazem uso apenas do vocábulo gênero.

Caro professor, cara professora,

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.4)

Ler textos traz desafios para os alunos. Para vencê-los é fundamental a mediação de um professor, que deve ajudá-los a compreender, gradativamente, diferentes gêneros textuais por meio da leitura individual e autônoma. Algumas estratégias podem facilitar essa conquista: uma delas é a leitura cativante, emocionada, enfática, feita pelo professor; outra, a audição dos textos disponível neste Caderno.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.40)

Entendido como funciona o concurso, é hora de ajudar os alunos a descobrir o que é uma crônica. Em vez de simplesmente ler ou ouvir a definição de crônica que está no dicionário, os alunos vão pensar e dizer o que acham que é esse gênero discursivo.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.36)

Isso também ocorre na apresentação da obra em referência, feita por Joaquim Dolz e Patrícia Calheta, em seções distintas. Dolz discorre sobre “A Olimpíada de Língua Portuguesa: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita”, e assume no seu texto a nomenclatura “gênero textual”.

sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.);

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.10)

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.10)

Enquanto Calheta, no seu texto “Por que participar da Olimpíada é dar vida à BNCC”, não faz uso do vocábulo gênero textual, e sim das expressões “gêneros do discurso” e “gêneros discursivos”.

A atuação docente mobilizada pelas vivências de uma SD tem sido defendida como ferramenta para o ensino da produção escrita de quatro gêneros discursivos da Olimpíada,

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.17)

Quando pensamos nos gêneros discursivos que são foco das SDs na Olimpíada, percebemos ser possível destacar: nos anos iniciais do EF, a relação entre o gênero poema e o campo de atuação artístico-literário, assim como o gênero memórias literárias, nos anos finais do EF; ainda nos anos finais do EF, o gênero crônica, que pode transitar por diferentes campos de atuação, tais como o artístico-literário e o jornalístico-midiático e, finalmente, o gênero artigo de opinião no EM, que pode circular por campos variados, como jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e das práticas de estudo e pesquisa.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.22)

Esses dois termos, eventualmente, podem levar os leitores mais desavisados a confusões teóricas e epistemológicas, sobretudo aqueles que não conhecem as principais distinções. Em síntese, sobre gêneros textuais, Marcuschi (2008) explicita que:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas (Marcuschi, 2008, p. 155).

Por outro lado, Bakhtin (1997) diz que:

O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. No gênero, a palavra comporta certa expressão típica. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as *significações* da palavra e a realidade concreta (Bakhtin, 1997, p. 313).

Quanto a essa alternância, Marcuschi (2008, p.154), por exemplo, adota a posição de que todas essas expressões, “gênero textual, gênero discursivo ou gênero do discurso⁴” podem ser usadas intercambialmente, salvo naqueles momentos em que se pretende de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico”. Ele reforça isso, quando também diz que “[...] esta distinção entre texto e o discurso é hoje cada vez mais complexa, já que em certos casos são vistas até como intercambiáveis” (Marcuschi 2008, p. 58). Ele ainda se apoia em Coutinho (2004) para pontuar que uma

⁴ Marcuschi (2008) deixa isso expresso em uma nota de rodapé justificando a sua escolha para o uso da expressão gênero textual.

das tendências atuais é a não distinção rígida entre o texto e o discurso, sendo possível considerá-los como aspectos que se complementam no âmbito da atividade enunciativa:

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem [...] (Marcuschi, 2008, p. 84).

Compreende-se, então, que na teoria de Marcuschi os textos e/ou discursos se difundem através dos gêneros. O intuito aqui não é discutir a diferença das nomenclaturas, mas conferir se as menções a cada perspectiva teórico-analítica – a dos gêneros textuais ou a dos gêneros discursivos – realmente é mobilizada adequadamente em cada oficina ou atividade. Com isso, fez-se o seguinte mapeamento das ocorrências:

Gênero Textual	Gênero Discursivo	Gênero do Discurso
p. 4	p. 17	p. 18
p. 10 (2 ocorrências)	p. 22	
p. 13	p. 36 (Of.1)	
p. 17		
p. 40 (Of.1)		

Fonte: Os autores (2024)

De acordo com a amostragem, o foco está centrado mais na expressão “gênero textual”, visto que a ocorrência em que aparece é maior que a de “gênero discursivo” e “gênero do discurso”. Em relação às oficinas, ambas são usadas apenas na primeira, mas em situações diferentes, que condizem com as suas perspectivas teórico-analítica, todavia, de modo geral, eventualmente, o caderno faz mais uso do termo “gênero”.

5.3. As temáticas das crônicas

Foram disponibilizadas 21 crônicas para serem trabalhadas no decorrer da SD, ora estão dispostas no Caderno de acordo com as atividades propostas nas oficinas, ora são citadas e solicita-se que o professor recorra a coletânea para apresentá-las ao aluno. Vale ressaltar que as autoras não explicitam o porquê da seleção dessas crônicas. Para uma visão mais geral delas, elaborou-se a tabela a seguir:

Crônica	Autor(a)	Oficina/ ⁵ Pg.	Tema	Tom
O papa vai ao banheiro?	Tiago Germani	Of.1; p.5	Lembranças da Infância	Humorístico
Regras para uso dos Bondes	Machado de Assis	Of.2; p.9	Comportamento nos transportes públicos	Irônico
Um caso de burro	Machado de Assis	Of.5; p.	Reflexão sobre a condição humana	Irônico
Catadores de tralhas e sonhos	Milton Hatoun	Of.2,4; p.6	Vida na rua	Lírico poético
Conduções	Lília Guerra	Of.2,4; p.7	Olhar crítico para periferia	Crítico
Face a face	Mário Viana	Of.2; p.10	Cotidiano de quarentena	Reflexivo
Alegrias	José Falero	Of.2; p.11	O mundo que nos rodeia	Denúncia crítica
Expedição à padaria	Vanessa Barbara	Of.2; p.13	Cotidiano de quarentena	Reflexivo
As locutoras da quarentena	Vanessa Barbara	Of. 4; p.19	Cotidiano de quarentena	Humorístico (observação comportamental)
O novo normal	Antônio Prata	Of.4; p.17	Realidade pós pandemia	Humorístico
Ser brotinho	Paulo Mendes Campos	Of.2; p.15	Juventude e seus comportamentos	Lírico
Cobrança	Moacyr Scliar	Of.6; p.23	Conflito familiar	Irônico

⁵ A numeração das páginas é referente a “Coletânea de Crônicas”, que é disponibilizada como um anexo ao final do caderno.

O cajueiro	Rubem Braga	Of.8; p.25	Reminiscências da Infância	Lírico/reflexivo
A bola	Luís Fernando Verissimo	Of.8; p.26	A diferença de gerações	Crítico/humorístico
São Paulo: as pessoas de tantos lugares	Milton Hatoum	Of.8; p.27	Os lugares de São Paulo	Reflexivo
O Português diferente de cada um	Ana Carolina Bernardes Pelegrino	Of.8; p.30	Os diferentes sotaques	Reflexivo
História de pescador	Gean Fabrício de A. Mota	Of.8; p.28	Solicitude	Lírico/reflexivo
A oriental de Natal	Emily Beatriz Vieira Assis	Of.8; p.29	A beleza da mulher	Lírico poético
Tatuagens para todos	Carol Bensimon	Of.9; p.24	Questões geracionais	Reflexivo
Sobre a crônica	Ivan Lins	Of.10; p.3	Metacrônica	Humorístico

Fonte: Os autores (2024)

Percebe-se que as temáticas abordadas nas crônicas são variadas, a abrangência temática vai desde as lembranças da infância, perpassa pela juventude e seus conflitos, e alcança a tecitura de reflexão sobre a condição humana, bem como fala de si própria (metacrônica), como, por exemplo, no caso da crônica de Ivan Lins. O “Cotidiano de quarentena” é o tema mais recorrente e atual em razão do ápice da pandemia de COVID-19 em 2021; possivelmente os alunos podem/poderão se ver em dadas situações narradas nas crônicas, pois quem, na atualidade, em idade da adolescência não vivenciou essa situação?

Os estilos das crônicas são bem diversificados. O que aparece com maior incidência é o da esfera lírica, com cinco crônicas; destas, duas se misturam com o tom reflexivo (“O cajueiro” e “História de pescador”); quatro são humorísticas (“O papa vai ao banheiro?”; “As locutoras da quarentena”; “O novo normal”; “Sobre a crônica”), que, segundo Bender e Laurito (1993, p. 43), o humor é fundamental, bem como a

leveza. Rodrigues *et al.* (2021) também apresentam crônicas ora irônicas, como “Cobrança”, de Moacyr Scliar; ora reflexivas, como a “Tatuagens para todos”, e ainda de caráter crítico, como “Alegrias”. Essa é uma estratégia válida para que o aluno perceba o caráter flexível do gênero.

Fazem parte dessa coletânea três crônicas de alunos semifinalistas da 3ª edição da OLP, realizada em 2012 (Rodrigues *et al.*, 2021, p.114). Segundo Luna (2020, p. 506) essas três crônicas dos semifinalistas refletem a preocupação da OLP de conquistar os estudantes pouco familiarizados com a leitura de textos literários e até mesmo aqueles que já cultivam o hábito da leitura. Os textos foram escritos a partir de imagens fotografadas por eles em um passeio que realizaram em pontos turísticos de Natal, como o “Forte dos Reis Magos” e “O maior cajueiro do mundo”. Em “O Português diferente de cada um” são retratadas as variações linguísticas do Brasil, muito perceptível no encontro presencial em que todos os estudantes semifinalistas das diferentes capitais brasileiras participaram, e a aluna Ana Carolina Bernardes Pelegrino captura esse momento das diferentes vozes e o transpõe para a escrita.

A outra crônica é “História de pescador”, de Gean Fabrício de A. Mota, que de forma sutil dialoga com Fernando Sabino, em a “A última crônica”, quando diz, “[...] Vejo a distancia um ponto preto. É ele, o pescador. Procurando inspiração para minha crônica, resolvi falar com ele [...]” (Rodrigues *et al.* 2021, p.28). Bender e Laurito (1993, p.46) corroboram dizendo que tudo pode ser “um prato cheio para o cronista”, até a dificuldade em preencher o espaço em branco. Percebe-se ainda que o texto é marcado por diálogos entre os dois personagens, e aborda a temática da solicitude figurativa na liberdade de um pescador na sua melhor idade.

A crônica “A oriental de Natal”, de Emily Beatriz Vieira Assis, consegue capturar a imagem de uma oriental na janela do Forte dos Reis Magos; sua temática gira em torno da beleza da mulher e utiliza-se dos recursos estilísticos para envolver o leitor com um toque de poesia, com isso o que predomina no texto é o tom lírico; este, segundo Bender e Laurito (1993, p. 57), “[...] é mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos [...]”.

Para aproximar/cativar ainda mais os estudantes, Rodrigues *et al.* (2021, p. 36) também sugerem a criação de um blog, tal qual fizeram os semifinalistas de 2012. O

blog é uma ferramenta que, segundo Costa (2016, p. 20), pode enriquecer o potencial pedagógico e a possibilidade de exploração de recursos multimodais, entre outros, no ensino e na aprendizagem, propiciando a otimização e a ampliação do trabalho docente.

Ouçã as respostas. Talvez surjam ideias como: produzir um livro com as crônicas para ficar disponível na biblioteca ou em versão virtual; publicar periodicamente os textos nos jornais do bairro, da cidade ou no site da escola. Você também pode sugerir a criação de um blog colaborativo entre os alunos, como fez um grupo de semifinalistas, em 2012 <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/530/infinitas-cronicas-sobre-um-blog-de-cronicas>>.

Fonte: Rodrigues *et al.* (2021, p.36)

No entanto, no Caderno e/ou coletânea não há uma profunda discussão da temática “O lugar onde vivo”, quanto aos aspectos históricos, culturais, problemas sociais, personagens notórias do lugar etc. Isso não quer dizer que as crônicas não narrem aspectos peculiares do tema, pois esse gênero necessita de um contexto de produção para ser escrito. Pode-se exemplificar que algumas crônicas abordam a temática sobre “*o cotidiano da quarentena da COVID-19*”. Todas, de certa forma, retratam o lugar onde as personagens vivem; as do célebre escritor Machado de Assis (“Um caso de burro” e “Regras para uso do bonde”) também adentram sutilmente no tema. Outros exemplos são o da escritora contemporânea Lilia Guerra, em sua crônica “Conduções”, que descreve uma periferia, como também a de Milton Hatoum (“São Paulo: as pessoas de tantos lugares”), em que os lugares de São Paulo são descritos. Com isso, pode-se dizer que os textos fornecem subsídios para que o aluno escreva sobre o lugar onde ele vive. Bender e Laurito (1993, p.74), dizem que “o cronista, como os seus olhos de poeta, capta e distingue o usual. E o faz com tanta sutileza, que muitas vezes nem se notam muito os elementos descritivos”. Em síntese, o cronista é um “equilibrista do cotidiano”. Há, portanto, uma abordagem do local, mas ela pode ser sutil a ponto de não ser devidamente captada pelos estudantes.

Caberá ao professor apresentar textos (fotografias dos pontos turísticos, músicas, notícias, reportagens, infográficos etc.), dentre outras estratégias que

problematizem o lugar onde se vive, para que assim o aluno tenha subsídios para ter “o que” e “para que” dizer na sua escrita do gênero.

atividades

- ▷ Peça aos alunos que pensem: em suas vivências, nos lugares que frequentam; nas pessoas com as quais convivem; nos assuntos que estão circulando na cidade, na comunidade; em algo que tenha ocorrido no dia a dia deles e chamado a atenção. É dessa simples observação que cada um dos(as) estudantes escreverá uma crônica.

Fonte: Rodrigues *et al.* 2021, p.112

atividades

- ▷ Traga para a sala de aula fotos de lugares de sua cidade (ou bairro) em que as pessoas costumam se encontrar, bater papo, caminhar, praticar esportes, passear. Você também pode utilizar as fotos disponíveis na Coletânea e neste Caderno.

Fonte: Rodrigues *et al.* 2021, p.112

Por fim, como se vê nas orientações das atividades propostas ao docente, é ele quem deve planejar aulas que possibilitem ao aluno refletir, analisar e até mesmo confrontar aspectos sociais do lugar onde vive. Essa reflexão é primordial para que o discente tenha uma visão mais aprofundada do local onde está inserido, da sociedade, da cultura, da identidade, das histórias, dos pontos turísticos e atrações artísticas, de como esse local é veiculado na mídia, e até mesmo das dinâmicas de linguagem como prática social que ali se efetivam e circular, e assim, possam ter mais subsídios da temática e pensar no seu projeto de escrita do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Luna (2020, p. 496), mais do que uma competição ou concurso de redação, a OLP é hoje o maior programa de formação de docentes de língua portuguesa das escolas públicas brasileiras. Por conseguinte, mostra-se fundamental a atenção da academia quanto aos materiais que circulam no espaço escolar produzidos no programa *Escrevendo o Futuro*.

Tendo em vista as palavras de Silva (2022, p.133), que observa que o ensino de produção textual, em contexto escolar, vem ganhando destaque nos espaços de

ensino, foi realizada a presente pesquisa, cujo questionamento central foi: de que forma o material do programa *Escrevendo o Futuro* pode contribuir na orientação do trabalho do professor de português no que concerne à SD e às abordagens do gênero crônica na Educação Básica? A partir de nossa análise, percebeu-se a potencialidade da OLP na orientação pedagógica quanto aos processos de ensino e de aprendizagem da escrita e da leitura do gênero crônica, além de proporcionar estratégias no processo de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa como uma prática social de forma sistematizadas e ações intencionais, planejadas e direcionadas para os alunos numa relação mútua entre os sujeitos e realidade em que estão inseridos.

Durante a análise, observou-se que o material encaminha as atividades para as questões dos elementos do texto narrativo e da situação de produção. Também há momentos para os elementos linguístico-discursivos e estilísticos, bem como aspectos de aprimoramento da escrita.

Portanto, pode-se concluir o seguinte: como nova estratégia, o Programa oferece alternativas significativas e potentes para a educação linguística, sobretudo quanto à produção textual da crônica, por envolver um contexto de escrita e permitir a investigação. Pode-se dizer que o Caderno “*A Ocasião Faz o Escritor*” é um recurso que auxilia professores e alunos, como ferramenta facilitadora no ensino da produção textual; que pode e deve ser utilizado além da competição entre estudantes.

Enfim, não há como esgotar as discussões sobre a expressão escrita na educação linguística. Entretanto, buscou-se apresentar outra forma de compreensão desse processo, através da OLP, especificamente no que se refere ao gênero crônica. Espera-se que este estudo possa contribuir com futuras pesquisas, no sentido de analisar a problemática de modo que venha a possibilitar ações para eficácia na efetivação da qualidade do ensino e da aprendizagem da língua portuguesa, bem como possa ser vista pelos olhos daqueles que estão envolvidos com o campo educacional.

REFERÊNCIAS

AMARAL Heloísa. **O gênero textual crônica**. Revista Na Ponta do Lápis – Ano IV, nº 10, dezembro, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade**. Caros Amigos, São Paulo, n. 29, p. 12-15, ago. 1999.

ASSIS, M. J. P.; SALES, Laurenia Souto. **Estratégias de leitura: um estudo a partir da olimpíada de língua portuguesa**. In: 25ª Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. 25ª Jornada do GELNE. Natal - RN: GELNE, 2014. v. 25. Disponível em: <https://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/510.pdf>

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, p. 63-81, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (original, 1953).

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa-PCNs**. Brasília, 1998.

BRUM, Eliane. **A educação tem sotaque. 2012**. Disponível em: <https://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/a-educacao-tem-sotaque/> (acessado em 04/10/2023)

COSTA, Alan Ricardo. **Professores de línguas “na” e “em” rede? Formação continuada de educadores para práticas abertas de (re)produção de materiais didáticos online**. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2016.

COUTINHO, A. (2004). **Schematisation (discursive) et disposition (textuelle)**. In: ADAM, J.-M; GRIZE, J.-B. & BOUACHA, M.A. (orgs.) *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 29-42

DESLAURIERS, J. & KÉRISIT, M. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean *et al.* *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 (p. 127/153.)

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)**. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, N. & SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: Gêneros orais e escritos na escola. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 89-108.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria & prática.** Campinas: Pontes, 2007.

LUNA, Tatiana. **Um estudo da representatividade das crônicas selecionadas pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.** Revista (Con) Textos Linguísticos, v. 14, n. 27, p. 495-515, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

RITTER, Lilian Cristina Buzato. **Gênero discursivo crônica: um estudo do contexto de produção.** V Siget, Caxias do Sul, p. 1-17, 2009.

RODRIGUES, J. F.; LAGINESTRA, L. C.; PEREIRA, M. I.; SCHLATTER, M. **A ocasião faz o escritor: Caderno do Docente: orientações para produção de texto.** 7ª ed. São Paulo: Cenpec, 2021.

ROJO, Roxane. **Letramento e diversidade textual. Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, p. 24-29, 2006.

SANTOS, Claudiene Pinheiro dos. **SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA PRODUÇÃO DE CONTO LITERÁRIO NUMA ESCOLA PÚBLICA DE CAROEBE-RR.** 2023.

SILVA, Peterson Luiz Oliveira da. **O bilhete orientador: condutor para reescrita da proposta de intervenção da redação do ENEM.** In: SILVA, Peterson Luiz Oliveira da; COSTA, Alan Ricardo. (Org.) Produção textual na teoria e na prática: os caminhos da avaliação da Redação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p.133-150

SILVEIRA, Pollyana Rodrigues Soares da. **Experiências e desafios em sala de aula: uma reflexão sobre a prática de ensino de língua portuguesa no Ensino Médio através de Sequências Didáticas.** In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE, 2012, Natal - RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

Recebido em: 17/07/2024.

Aprovado em: 07/08/2024.